

ordenações I e II - nejar

BETTY BORGES FORTES

Poeta e o itinerário, Carlos Nejar, no volume, 1969, publicado pelas Edições Galaad, chega, em despojamento, aos cânticos sóbrios do encontro com o melhor de si mesmo.

Carlos Nejar surpreendente e inventivo da obra anterior (*Sélesis, Livro de Silbion, O Campeador e o Vento*) cede lugar à ascese dialética.

Sem a sagração cruenta e fálica de Jorge de Lima, mas com a invenção expressiva, em forma, narra o poeta seu processo de encontro.

Encontro, confluência, onde a humanidade se vê sempre na ansiedade e no progresso, e onde o pensamento e a cultura podem ver o reflexo dos problemas internos e externos através dos processos artísticos.

O conhecimento do poder e a inocência propulsora movem as máquinas do processo. O despojamento foi consciente e intencional.

O chamamento vindo no esplendor mítico do *Campeador e o Vento* cede à adesão comprometedora no cotidiano, no obscurecimento trivial, sem revolta e ao mesmo tempo já inconformado. Sepultamento sem grandeza e austero como tal:

*alta e sem cancelas
como uma janela
Habituei-me à morte.*

Não o rei que bate, (Lorde Sparkenbroke), nem bem ainda o condenado que examina as trevas do cárcere, mas o disciplinado homem do dia-a-dia. E há um travo nisso:

*Joguei a tua
a minha vida
no olvido
mas quem bateu à porta
Fui eu — p. 40*

Sutil, Sutil : vida — ol — vido.

A impessoalidade se faz, preparatória da análise, sem crueza e sem pretensões. Contundente. Exata. A repetição dos versos martelando as estrofes. Dobrar percutido. Corifeu e os temas da tragédia clássica, suspensos ainda:

*Tendo sustê-los com textos (os mortos)
ritmos. Tendo chamá-los
Euclides, Francisco...
E os mortos andam não ouvem
me olham, imponderáveis
como se fôssem comigo — p. 33*

*Meu invento é estar
sofrendo menos
quando tento — p. 24*

A fala se torna inepta à comunicação, sente-o, o poeta, nesse clima que êle mesmo experimenta e expressa em outro verso:

rarefeito:

*A fala, sim
tão remediada
que não põe olhos
mas vidraça*

Caudais do processo, falas rápidas, quase a floradas: *Trilha* — p. 36

Espera — p. 37

E por todo o poema a onipresença ôntinca do vento, como continuidade e unidade:

*restituímos andando
aos ventos
o que nos vem do longe vento — p. 37*

Despojado e autêntico chega, de um modo original ao verso:

Armei a alma.

Surpreende esta concepção tão atual, da prontidão, da atalaia, da baioneta calada dos tempos:

Armar a bem — amada

Os predestinados *or-nam* a bem-amada, o poeta *ar-ma* a bem-amada, numa solução dêle e própria, mas que já preocupa a cultura brasileira atual, atente-se que Jorge Amado, também, num alto momento, preocupa-se com o destino de Livia (*Mar Morto*) e a mune de um saveiro, para enfrentar a vida quando morra o marido e não se prostitua.

A depuração do estilo, até à sobriedade, se veio fazendo na epopéia que perpassa tôda a cadeia da obra anterior.

Ocorre em *Ordenações* o esbatimento do luxo das formas plásticas, da influência oriental no processo lingüístico, para comunicar a dialética da desmitificação para a humanização através de simbolização espontânea e elaborada.

Ocorre em *Ordenações* a aceitação concreta com as seguintes perspectivas

- a) autocríticas, para a transcendência;
- b) o “despojar” para “desposar” a alma (janela da imanência);
- c) comprometimento no inconsciente coletivo, nos termos analisados por G. Yung.

Os tons de *Ordenações* são limpidos, dados rápidos em razão do nível perquiritório do poema.

Finalmente, como um jôgo de cristais que altera a continuidade do pensamento, muito bem usado, é o vocábulo “Hábito” —

*Qual a roupa
que vou vestir
para tão grande
acolhida*

(o homem em face da sua morte, única e intransmissível).

(roupa, sóbria, monacal, dos tempos que os monges inspiravam a profundidade da condição religiosa da vida). Mas em seguida com ou sem intenção desvia o sentido tendencial do pensamento para o sentido especial do poeta:

habituei-me à morte — p. 27

(hábito, costume reiterado).

Ordenações é a grilheta na corrente da âncora com que domina a impetuosidade de seu destino de poeta, porque há os jograis, os menestréis, os segréis, os trovadores, Nejar é poeta, como poeta, para mim é Camões.